



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA [NA NATUREZA] NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA EM ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE GOIÂNIA

Humberto Inacio
Dayse Camara Cauper
Gleyson Gomes
Luzia Paula Silva
Caroline Castro
Lídia Ferreira Machado

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi identificar algumas possibilidades de inserção das práticas corporais de aventura na escola, bem como avaliar a ampliação de seu repertório de manifestações corporais somada às sensações e emoções obtidas pelos alunos durante a prática de tais atividades. A pesquisa se caracterizou como um estudo qualitativo e utilizou a observação participante, o diário de campo, registros iconográficos e a análise de documentos, como instrumentos para a coleta de dados. Os resultados obtidos nas análises evidenciaram que as sensações e emoções dos alunos correspondem, em geral, a percepções de liberdade, confiança e autonomia. Identificamos a existência de alguns limites, porém as análises mostram que as possibilidades de inserção foram bem maiores. Concluímos que metodologia proposta é adequada para a inserção das Práticas Corporais de Aventura na Natureza na escola

PALAVRAS-CHAVE: Práticas Corporais de aventura; Educação Física Escolar; Escola; Aventura;

INTRODUÇÃO

As atividades de aventura a partir do final da década de 1990 e início de 2000 têm conhecido um expressivo crescimento tanto na questão de sua prática em geral e na veiculação de informações e imagens, como em estudos e pesquisas desenvolvidas em tal temática (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013).

Com o tempo, estas práticas foram se disseminando em meio a uma sociedade que busca benefícios físicos, situações de fuga da rotina e o contato com a natureza, através da aventura. A partir do crescimento da divulgação dessas atividades de aventura, as mesmas passam a ser pensadas como meio de inovação para as aulas de Educação Física, segundo Marinho e Schwartz (2005, p.2), ganhando reconhecimento de estudiosos de diversas áreas inserindo o conteúdo em contextos escolares através de disciplinas extracurriculares e/ou



curso de extensão aberto à comunidade em geral, além da relação direta com Educação Ambiental.

Atividades de aventura por proporcionarem uma fuga da rotina e diversas emoções peculiares, podem ser fator de motivação e interesse dos alunos nas aulas de Educação Física, além da interação dos mesmos com a natureza, partindo do princípio de que o homem deve compreender o meio ambiente como parte dele e ele como parte do meio ambiente para que assim dê o devido valor (GUIMARÃES *et al*, 2007).

Partindo desses princípios, a pesquisa que se segue tem como objetivo experimentar uma metodologia para a inserção das práticas corporais de aventura na natureza nas aulas de Educação Física e, a partir disso, ampliar o repertório cultural de movimentos, bem como identificar as sensações e emoções dos alunos ao vivenciar essas práticas. A metodologia experimentada foi elaborada com base na proposta pedagógica Crítico-Superadora (COLETIVO DE AUTORES, 2009).

A pesquisa foi realizada em duas escolas da rede municipal de ensino de Goiânia: Escola Municipal Marcos Antônio Dias Batista, com a turma E2 do ciclo II, totalizando 30 alunos com idade média de 10 anos; e Escola Municipal Professora Cleonice Wolney, com a turma “D” do ciclo II, com alunos de nove a onze anos de idade.

Desde a classificação indicada por Betrán (1995), elegemos os elementos Ar, Água, e Terra como referências para selecionar as práticas que iríamos realizar, desenvolvendo atividades de queda-livre (deslocamento da vertical para horizontal), de deslocamento e de deslizamento na horizontal. As práticas selecionadas foram:

- Deslocamento da vertical para a horizontal (AR): João Bobo, Deixe Cair e Confiança;
- Deslocamento na Horizontal (TERRA) - Carrinho de rolimã, Skate, Patins e Bicicleta;
- Deslocamento na Horizontal (AR)- *Slackline* e,
- Deslizamento na Horizontal (TERRA) - Deslizamento sobre papelões e sobre lona com água e sabão.

Como método buscamos nos apropriar do materialismo histórico dialético, pois acreditamos que a relação teoria-prática representa uma unidade constitutiva da totalidade histórico-social. Para tal, seguimos os seguintes princípios: não existência da neutralidade na pesquisa e sim a intencionalidade; o fator: pesquisador e objeto interagirem e aprenderem um



com o outro simultaneamente e, pôr fim, a intenção do pesquisador e da pesquisa em transformar a realidade/mundo.

A pesquisa também é considerada experimental, na medida em que experimentamos as possibilidades de inserção das práticas corporais de aventura na escola e analisamos as perspectivas e limites desse conteúdo. Ao mesmo tempo, caracteriza-se como uma pesquisa participante, a qual apresenta influência direta entre pesquisador e objeto, onde um interage e aprende com o outro simultaneamente.

É, também, uma pesquisa de caráter descritivo, na qual foram utilizadas coletas de dados por meio de questionários, observações participantes (pelo pesquisador), relatos de aulas, imagens e demais descrições detalhadas sobre o campo. Neste sentido, trata-se de uma pesquisa qualitativa, a qual “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2009, p. 21), retratando a realidade social, onde foi analisada e interpretada através do próprio pesquisador aprofundando no mundo dos significados.

A pesquisa nos proporcionou uma breve compreensão dos sentimentos, sensações e emoções apresentados pelos alunos através da experimentação dessas práticas, além da percepção de limites e possibilidades da inserção das práticas corporais de aventura na natureza como conteúdo das aulas de Educação Física Escolar.

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA DA NATUREZA NA ESCOLA

Quanto ao significado do termo “práticas corporais”, Lazzarotti *et al* (2010) verificou que entre os artigos por eles analisados os argumentos identificados consistem uma preocupação com os conteúdos subjetivos, individuais e coletivos postos em ação nas práticas corporais, apresentando uma percepção de corpo que se opõe ao biologicismo. O Termo práticas corporais ao invés de atividade física possibilita um entendimento mais ampliado das múltiplas dimensões humanas, não se restringindo a uma concepção biologicista, mas vendo o corpo como uma construção social e cultural. Para estes autores, as práticas corporais

São identificadas como manifestações culturais que enfocam a dimensão corporal, característica não presente na perspectiva dos pesquisadores que utilizam o conceito de atividade física; Buscam superar a fragmentação identificada na constituição do ser humano e denotam uma crítica a forma de organização da vida contemporânea e seus desdobramentos no corpo; Apontam para uma ampliação conceitual deste termo com elementos das ciências humanas e sociais e tencionam uma concepção de ciência pautada na objetividade e neutralidade; As exemplificações encontradas indicam as práticas corporais como sendo principalmente o esporte, ginástica, dança,



luta, tai-chi, yoga, práticas corporais de aventura na natureza, jogos; Destacam-se diferenças e contrastes entre as práticas corporais orientais e ocidentais; Externam uma preocupação com os significados e sentidos atribuídos as práticas corporais por parte dos praticantes, frequentemente de caráter lúdico que inclui e supera uma perspectiva mais pragmática; Apresentam finalidades como educação para a sensibilidade ou educação estética, promoção da saúde, para o desenvolvimento do lazer, para a sociabilidade e para o cuidado com o corpo. (LAZZAROTTI *et al*, 2010, p. 18-19)

Nessa concepção de atividades que possuem um caráter lúdico, que se relacionam com o mundo social, com o lazer e com as pessoas, destacamos as práticas corporais de aventura na natureza (PCANs) denominação introduzida por Inácio *et al* (2005a, 2005b), os quais buscaram uma nomenclatura que não se limita apenas a atividades ou esporte.

A expansão das PCANs, segundo Marinho (2004), foi impulsionada pelo desejo de experimentar algo novo, emoções prazerosas, riscos, com sentimento de ser capaz, seja na terra, na água ou no ar. Para Tahara e Carnicelli Filho (2013), as pessoas que procuram atividades de aventura desejam vivências mais espontâneas e significativas, para fugir da rotina estressante do caos urbano, e buscar melhor qualidade de vida em seus momentos de lazer.

Franco, Cavasini e Darido (2014) apresentam uma classificação das PCANs dividida nos elementos Ar, Água e Terra, possibilitando um entendimento sobre sua especificidade relacionada ao elemento que se enquadra:

Quadro 1- Classificação¹ das práticas corporais de aventura

MODALIDADES PRATICADAS EM TERRA	MODALIDADES PRATICADAS NA ÁGUA	MODALIDADES PRATICADAS NO AR
<i>Caving</i>	Canoagem	Asa delta
Corrida de aventura	<i>Kitesurfe</i>	Balonismo
Corrida de orientação	Mergulho	<i>Bungee Jump</i>
Arvorismo	<i>Rafting</i>	<i>Paragliding</i>
Escalada	<i>Stand up poddie</i> ou SUP	Paraquedismo
<i>Mountain Bike</i>	Surfe	Tirolesa
<i>Porkour</i>	<i>Acqua ride</i> ou bóia <i>cross</i>	

¹ Uma primeira classificação das práticas corporais de aventura na natureza foi apresentada por Betrán e Betrán em 1995 no dossiê Atividades físicas de aventura na natureza da revista *Apunts* do Instituto Nacional de Educação Física da Catalunha/Espanha. Este quadro apresentado acima parece ter sido baseado na mesma.



<i>Skate</i>	<i>Windsurfe</i>	
<i>Treking</i>		

Fonte: Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento n.4 (2014, p. 106)

Importa destacar aqui que, em nossa pesquisa, esta lista de práticas foi ampliada, principalmente em função das possibilidades apresentadas pelas/nas escolas e pelas proposições dos alunos. Assim, tivemos como outras possibilidades: o balanço (pêndulo), o *slackline*, o carrinho de rolimã, etc.

As práticas corporais de aventura aos poucos começam ganhar espaço na sociedade, cada vez mais pessoas têm buscado essa prática para além dos seus benefícios físicos, procurando interação com a natureza e com outras pessoas. E por que não pensá-la como conteúdo das aulas de educação física na escola? Esse tem sido tema de algumas pesquisas em prol da inserção dessas práticas nos ambientes escolares.

A temática das atividades de aventura constitui um conjunto de práticas recentes dentro da área da Educação Física e podem acontecer sem diferenciação de gênero, habilidades motoras, questões culturais e/ou interesses competitivos. Tal temática pode constituir-se como práticas de elevado poder formativo e, se tratadas de forma pedagógica, podem auxiliar de maneira eficaz na tarefa de educar os alunos coerentemente para com os assuntos ligados à educação ambiental e à aprendizagem de algumas modalidades ligadas às atividades de aventura. (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013, p. 62)

Essas práticas no interior da escola possuem um caráter educativo pedagógico como afirmam Tahara e Carnicelli Filho (2013), constituindo-se como um conjunto de atividades pedagógicas capazes de proporcionar as crianças e adolescentes uma transmissão eficiente de valores, atitudes e normas que contribuem com a formação humana dos mesmos, através da realização de experiências que causam grande impacto emocional, esses impactos emocionais dizem respeito às sensações que os alunos vivenciam ao experimentarem tais práticas junto ao meio natural.

Essas práticas relacionam-se diretamente com o desenvolvimento de sensações e emoções nos praticantes: Bernardo e Matos (2013) desenvolveram uma pesquisa para relatar os efeitos dos desportos de aventura nos jovens analisando a autopercepção e autoestima dos mesmos, e concluíram a pesquisa afirmando que essas práticas de aventura podem ser uma forma inovadora, interessante e motivante.

Tais atividades podem gerar motivações e interesses diversificados entre os alunos ao participarem das aulas de Educação Física, existindo curiosidade e satisfação naquilo que a prática possa proporcionar em termos de sensações e emoções individuais que podem ser compartilhadas com o grupo, como a percepção de liberdade, o ineditismo na vivência, a questão dos riscos sob controle, entre outros. (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013 p. 62)

Se desenvolvidas na escola essas práticas se somam ao currículo da educação física, contribuindo quantitativa e qualitativamente com o ensino da mesma. Para além dos objetivos já citados, também o eixo ‘meio ambiente’ pode ser trabalhado de forma transversal. O ensino dessas práticas na escola contribui com a aprendizagem de novos conhecimentos, experiências e vivências. Segundo Inácio e Caetano (2013) as práticas corporais de aventura podem contribuir com a relação homem/natureza, através do viés corpo/natureza onde aspectos culturais, sociais e ambientais poderão ser discutidos, mas sem perder o foco sobre o movimento humano, ou seja, nas práticas corporais.

A Educação Física ao atuar no e com o corpo - inserido e estimulado pelo ambiente, torna-se uma grande aliada no tocante à Educação Ambiental. Por trabalhar com o corpo, a Educação Física tem condições de tornar a Educação Ambiental um processo mais ampliado da consciência da sensibilidade desse corpo/ natureza. Consciência que não passa apenas pela informação, mas que se amplia a aspectos do sensível e da participação, influenciada diretamente no modo como o indivíduo se relaciona com a natureza. (INÁCIO; CAETANO, 2013, s/d).

De acordo com Franco (2008) as vivências de aventura podem gerar uma aproximação entre o indivíduo e o meio ambiente, devido à interação com os elementos naturais e as suas variações - como sol, vento, montanha, rios, vegetação, lua, chuva, entre outros - propiciando atitudes de respeito, admiração e preservação.

Franco (2008) defende as atividades físicas de aventura dentro da escola, pois acredita que esse conhecimento e suas vivências proporcionem sensações e experiências que atinjam o afetivo, o cognitivo e o aspecto motor de um jovem estudante, mesmo que em muitos casos estas práticas sejam apenas adaptadas às estruturas das escolas.

Ao desenvolver atividades de aventura nas aulas de Educação Física, devem apresentar uma didática e pedagogicamente (*sic*) com a parte teórica e prática, sendo que o espaço adequado e equipamento específico não necessariamente a escola precisa oferecer e ter, pois a ação da educação não se restringe a uma prática pela prática, mas a vivência oferece inúmeros conhecimentos, tanto esportivo, cultural, social. As aulas de Educação Física devem promover propostas que visam fortalecer os conhecimentos de lazer, esporte e meio ambiente. (CASSÁRO, 2011, p. 16)

Entretanto, este conteúdo ainda tem se manifestado pouco nas aulas de educação física; uma das explicações para tal fato, segundo Tahara e Carnicelli Filho (2013), se dá pela



escassez de recursos didáticos e metodológicos que os professores enfrentam nas escolas. Para que esses conteúdos sejam trabalhados na escola é preciso que o professor conheça tais práticas; contudo, como esses conteúdos são pouco discutidos na graduação, é necessário procurar além de sua formação inicial, entendendo um pouco mais sobre as práticas e suas especificidades. Os recursos didáticos para tais práticas podem realmente ser um entrave para a realização das mesmas, todavia cabe ao professor criar meios que deem conta desses obstáculos seja confeccionando seus próprios materiais, seja optando por vivenciar outras práticas que não dependam disso para sua realização, por exemplo, uma corrida de orientação no entorno da escola, onde os próprios alunos podem confeccionar seus mapas e bússolas. Desta forma a pesquisa aqui relatada buscou desenvolver meios que possibilitem essa inserção na escola.

Por fim, vimos que várias correntes metodológicas fizeram parte do universo da educação física escolar, atribuindo-lhe significados, objetivos, valores, conteúdos, entre outros, e influenciando significativamente sua prática e didática. Diante disto, reafirmamos que nosso estudo caminha na direção da proposta do Coletivo de Autores (Abordagem crítico-superadora), compreendendo a especificidade da educação física - o movimento, como principal elemento. Mesmo apontando a interação com o meio ambiente como eixo fundamental atribuído a essas práticas, como afirmam Inácio e Caetano (2013), nos remetemos ao saber fazer, ao por que fazer e ao para quê fazer dessas práticas através dos movimentos, levando em consideração as sensações e percepções dos alunos enquanto realizam tais práticas, e na aquisição da cultura de movimentos que advém com as mesmas.

A PESQUISA

Como já anunciado, a pesquisa aqui apresentada tem como matriz teórica o materialismo histórico-dialético, o qual consiste em um método que busca explicações para problemas da realidade, em diferentes âmbitos como o social, cultural, econômico e político, analisando o mundo e a realidade juntos através de bases filosóficas em busca de uma compreensão concreta; porém, compreendemos que nosso estudo logrou apenas aproximações possíveis.

O início desse trabalho se deu com a criação de um grupo de estudos em agosto/2013; foi composto por dois professores da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD) da Universidade Federal de Goiás (UFG); dois professores da rede municipal de Ensino de



Goiânia; e duas alunas de graduação no curso de Licenciatura em Educação Física na UFG, ambas com bolsa PROLICEN.

No decorrer dos estudos foram sendo decididas as práticas mais significativas a serem trabalhadas na escola, de acordo com um diagnóstico inicial sobre a realidade escolar e o(s) contexto(s) social(is) dos alunos. Os planos de aulas foram desenvolvidos tendo como base a cultura corporal como principal conteúdo da Educação Física Escolar, proposta apresentada pelo Coletivo de Autores (2009). Essa metodologia se baseia em conteúdos da cultura corporal que emergem da realidade do aluno, utilizando etapas como: constatação, interpretação, compreensão e explicação para a leitura dessa realidade.

Nessa metodologia, as aulas devem ser estruturadas de forma que o aluno compreenda as mesmas em suas totalidades, entendendo o que se faz na aula, o que se pensa e o que se sente. A mesma poderá ser dividida em fases, sendo a primeira uma discussão abordando conteúdos e objetivos da aula com a participação dos alunos; a segunda fase constitui-se da apreensão do conhecimento e, a terceira, de avaliações e discussões com a turma.

O grupo deu início às intervenções apenas no mês de setembro/2014, mais tarde do que se planejava, devido a imprevistos nas escolas, como uma greve dos professores da rede municipal.

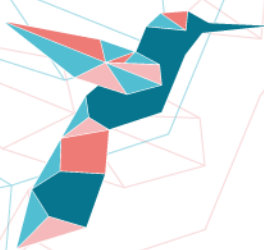
Como parte das intervenções, foi realizado um trabalho pelos professores de introdução do tema, através de discussões em sala sobre o assunto, atividades de desenho, questionários, textos, dentre outros, planejado nas reuniões de estudo.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo será apresentado com uma junção das atividades realizadas nas duas escolas; em princípio, não haverá uma indicação de uma ou outra escola relacionada às atividades.

Elemento Ar - Deslocamento Vertical e Horizontal

ATIVIDADES INTRODUTÓRIAS - As atividades foram realizadas nos pátios externos das escolas, sendo utilizadas cinco aulas para a realização das mesmas. Na primeira aula, os alunos foram divididos em quartetos onde um deles se posicionava ao centro e os demais ao redor para a realização da atividade João Bobo. A segunda atividade, confiança consistiu na divisão dos alunos dois grandes grupos deitados no chão com mãos para cima e assim realizaram a atividade passando o colega pelas mãos até que chegasse ao fim do



percurso. Nas terceira e quarta aulas, a atividade foi a Deixa Cair. A turma foi dividida em quintetos, onde um se posicionaria em um lugar mais alto para soltar o corpo para que as demais crianças o segurassem. Na aula seguinte, a atividade foi adaptada para ser realizada em um local mais alto.

Durante explicações e execuções das atividades puderam-se ouvir comentários de alunos em relação a outros alunos sobre o peso corporal e estatura, como “*ah, mas a (aluna) A é muito pesada não vamos conseguir segurar e nem carregar ela*”, e essas questões foram tratadas pelos professores ali mesmo e/ou em outros momentos em sala, enfatizando a importância do respeito no decorrer de atividades que mantêm contato físico e requer confiança entre os colegas.²

As atividades eram explicadas com a turma disposta em roda já no local da realização da mesma. Alguns alunos se auto excluíram das atividades alegando falta de confiança em si mesmos - como dito por um aluno ao ser questionado sobre não estar participando das atividades; esta questão foi tematizada durante as próprias aulas e, ao fim, todos participaram das atividades.

Durante uma das atividades, realizada em um local mais alto, houve alguns incidentes como um aluno que caiu desse local, e outros que se machucaram levemente com ações espontâneas e sem intenção de outros colegas, tendo como motivos - apontados pelos próprios alunos, a falta de comunicação e desatenção da turma em geral.

De acordo com Marinho e Bruhns (2003) *apud* Marinho e Schwartz (2005, p.2), “as práticas de aventura são atividades cercadas por riscos e perigos, na medida do possível, calculados, não ocorrendo treinamentos intensivos prévios [...]”.

No decorrer das aulas, a participação dos alunos ficou mais ativa, mostrando a motivação e o interesse deles nas práticas, surgindo novas ideias e possibilidades de execução e experimentando as mesmas.

Ao final das aulas e das práticas puderam-se notar relatos positivos relacionados a essas sensações citadas acima, mas identificadas por eles como adrenalina, que é

² Importa destacar que, em **todas** as aulas e atividades não foi dada ênfase à técnica, apesar de a mesma estar sempre presente, focando sim na vivência e experimentação dos alunos. Foram propostas atividades que trabalhassem o coletivo levando em consideração a confiança de cada aluno com o colega além da coletividade para a organização da mesma.



caracterizada popularmente por uma sensação de fuga da rotina ou experimentação de algo inesperado, reforçando o que foi apresentado pelos autores acima, além de diversão, “frio na barriga”, colaboração e interesse da turma; há também relatos afirmando que puderam sentir as sensações de quedas livre, instabilidade e confiança com o próximo, que eram os objetivos das atividades. Além disso, pudemos notar avanços pedagógicos, como uma maior coletividade da turma durante cada atividade, e maior compreensão e interesse a cerca do tema trabalhado, incluindo aí, pesquisas realizadas pelos próprios alunos sem solicitação do professor.

SLACKLINE - As atividades foram realizadas em espaços livres, sendo utilizadas cinco aulas para a realização das mesmas. Na primeira aula, em sala, foi contextualizado o *slackline*, com suas origens, adaptações, e outras maneiras de se realizar o mesmo. Em meio a essa discussão foi levantada a questão dos entornos nos quais essa prática acontece, o que nos levou a apresentar o conceito de ‘alteridade’, enfatizando seu caráter de se colocar no lugar do outro, mesmo quando este ‘outro’ não é um ser humano, mas uma árvore, uma pedra ou o que seja durante as PCANs.

Já com o material montado, na primeira e no início da segunda aula foi proposta uma travessia individual com o *slackline* posicionado bem próximo ao chão de forma que se encostasse ao mesmo durante a travessia. Logo mais, a partir da metade da segunda aula e na terceira, o *slackline* foi mais tensionado de forma que a fita ficasse mais alta e mais firme. As turmas divididas em trios realizaram a travessia com um aluno no *slackline* e outros dois de apoio segurando apenas nas mãos. Na quarta aula a proposta foi semelhante a da aula anterior, mas sem necessariamente um ajudar o outro. A proposta era o aluno utilizar a ajuda dos colegas apenas quando fosse necessário. E na última aula, foi feita uma adaptação da prática utilizando dois *slacklines*, um posicionado cerca de 1,80m acima do outro, servindo então de apoio para as mãos de quem realizava a travessia.

Houve momentos em que alunos ainda se mostraram desrespeitosos com colegas com relação ao peso corporal, requerendo que o professor parasse a aula para tematizar tais questões com a turma: “*Olha lá, o aluno B. é gordo, faz o slackline encostar no chão (risos)*”. Apesar disto, não houve auto exclusão nessa atividade como nas anteriores - todos se mostraram interessados.

Apesar de ser uma prática originalmente individual, foram pensadas atividades que trabalhassem a coletividade e colaboração da turma.



As aulas ocorreram como planejado com participação ativa dos alunos, inclusive em sugestões para travessia na penúltima e última aula sobre o tema, variando a direção do corpo de quem praticava: “*E se a gente tentar ir de lado? Será que dá certo?*”

Essa participação enfatiza o interesse dos alunos pelas práticas, confluindo com Tahara e Carnicelli Filho (2012, p.62) quando afirmam que as mesmas podem gerar motivações e interesses diversos, com sensações, individuais e que podem ser compartilhadas em grupo, de curiosidades e satisfação na realização das atividades, assim como a sensação de liberdade.

Diferentemente das aulas anteriores onde as turmas se mostraram consensuais em relação às sensações/sentimentos/emoções, nessas aulas com o *slackline*, alguns alunos relataram medo, insegurança, enquanto outros relataram segurança, facilidade, porém com adrenalina também: “(Aluno C) *Muito legal esse slackline, eu achei bem fácil, e não fiquei com medo, mas dá um frio na barriga*”; “(Aluno D) *Eu fiquei com medo de cair, é muito bambo e balança muito*”.

Questões ambientais como locais na natureza onde pode ser praticado o *slackline*, também foram brevemente discutidas entre os próprios alunos enquanto esperavam em fila; questões essas consideradas muito importantes para a formação do aluno como indivíduo na sociedade, pois de acordo com Guimarães *et al* (2007, p.159), “o que compreendemos por meio ambiente caracteriza nossa relação com ele. A partir do momento em que o indivíduo não o pensa como parte dele, não dará o devido valor ao mesmo”. Ainda para estes autores, a educação ambiental deve estar presente no ensino formal das escolas devido às suas características político-sociais.

Nas avaliações que fizemos destas aulas, concluímos que os alunos puderam vivenciar e experimentar as atividades de forma proveitosa, contendo relatos positivos. Além disso, outros pontos foram notados, como o trabalho em equipe e o respeito com o colega.

Elemento Terra – Deslocamento Vertical e Horizontal

A atividade “tapete mágico”³ foi realizada nos pátios internos das escolas, sendo utilizadas duas aulas para a realização das mesmas. Na primeira aula, em sala, houve a contextualização da atividade, a qual engloba elementos físicos e tipos de deslocamento. Logo depois, foram

³ Deslizamento sobre banners antigos e/ou papelões, puxados ou empurrados pelos colegas.



levados ao pátio onde foram divididos em grupos de cinco e distribuídos os banners que seriam utilizados como meio de deslizamento e assim os alunos ficaram livres para se deslocarem como quisessem pelo pátio. No segundo momento os alunos realizaram deslizamentos diferentes daqueles do primeiro. Ao fim da aula, foi aberta uma roda para discussão da aula, onde foram expostas sensações, dificuldades, dentre outras questões, como sugestões de papelão e lençóis como possíveis materiais para a realização da mesma atividade na aula seguinte, o que foi acatado.

Houve uma aluna que não participou das aulas por questões pessoais segundo a mesma, mas ficou junto com a turma observando a aula. Os demais alunos que participaram da aula experimentaram possíveis formas de deslizamento no banner aparentemente sem medo. Inicialmente foram utilizados deslizamentos sentados e deitados no banner. Em uma pausa na aula, o professor propôs que fossem experimentados outros tipos de deslizamentos no material. Nessa mesma conversa os alunos citaram suas dificuldades e sensações, *“Não achei difícil, foi até divertido, só que podíamos dar mais voltas cada um em cima do banner, né?”*; outros falaram sobre questões coletivas *“aqui tá um pouco difícil porque tem colegas mais altos que não cabem direito sentados no banner e tem gente no grupo que não tá ajudando a puxar, e sozinha não consigo”*. No decorrer das intervenções, seguindo a sugestão do professor, os alunos deslizaram em pé, ajoelhados e agachados como experiências e relataram ser muito mais divertido e sentir muito mais adrenalina assim.

Nessas aulas a turma relatou dificuldades com a atividade, como o material que não suportou por muito tempo, na primeira aula, e a tentativa de três ou duas pessoas sendo deslizadas pelo pátio que não deu certo devido ao peso para puxar. De acordo com Tahara e Carnicelli Filho (2012, p.63) dentro da escola, pode-se destacar dentre uma das maiores barreiras para a implantação do tema, a falta de material específico, sendo que alguns podem ser adaptados de outras práticas e/ou esportes, além de materiais do cotidiano dos alunos, como foi feito pelo educador na segunda aula. Sensações/emoções como diversão, adrenalina e *“frio na barriga”* foram novamente citados nessas aulas. Na primeira aula os alunos também deram sugestões para a aula seguinte, como utilizando papelão, lençóis e panos como materiais, e a realização de uma competição de tapetes mágicos para ficar mais divertido e estimulador.



Na segunda aula, inicialmente foi proposta a continuação da atividade de deslizamento com os materiais sugeridos pelos próprios alunos no fim da aula anterior. Porém, poucos levaram os materiais pedidos. Então, o professor sugeriu que a turma finalizasse o cartaz iniciado por eles na semana anterior, preenchendo de acordo com os elementos e os meios físicos em que as atividades se dão, sendo considerado como atividade avaliativa para o semestre.

De acordo com as avaliações ao final dessas duas aulas, os alunos puderam vivenciar e experimentar as atividades de forma proveitosa, com relatos positivos sobre as mesmas. Além disso, pudemos notar avanços pedagógicos em geral, como nas atitudes dos alunos com relação aos colegas em atividade coletivas, uma maior aproximação com o meio natural, além da motivação para participarem das aulas de educação física.

De acordo com Tahara e Carnicelli Filho (2012, p.61), as atividades de aventura no âmbito de atuação educativa-pedagógica constituem-se como um bloco de conteúdos “capaz de proporcionar às crianças e adolescentes variadas situação de relevada importância pedagógica por conta da transmissão de eficientes valores, atitudes e normas.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa apresentou como proposta a inserção de PCANs como conteúdo das aulas de Educação Física, enfatizando não as técnicas de execuções e sim as sensações, emoções e sentimentos, somados à ampliação do acervo cultural de movimento dos alunos.

As escolas participantes se mostraram abertas e colaborativas para a construção desse trabalho, autorizando que o conteúdo fosse implantado nas aulas de Educação Física, concordando com a importância de sua abordagem como atividade curricular, e não extracurricular, inclusive, substituindo o conteúdo anteriormente planejado pelos professores. Além de ceder as aulas de Educação Física nos horários curriculares, foi disponibilizado todo o espaço da escola para as experimentações da pesquisa.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas durante a realização dessa pesquisa, foi a falta de materiais adequados;⁴ porém com pesquisas e as reuniões do grupo de pesquisa pudemos adaptar materiais do cotidiano reutilizando-os para as práticas de aventura,

⁴ Aqui, ‘adequados’ refere-se aos equipamentos e materiais utilizados mais comumente nestas práticas. De maneira geral, estes acabam por constituírem-se em mercadorias, disponíveis apenas a poucos que as podem comprar.



solicitando, também, aos alunos alguns desses materiais, além de utilizar materiais e instrumentos próprios da FEFD.

Outra dificuldade pela qual passamos no decorrer da pesquisa foi a greve dos professores da rede municipal de ensino, a qual foi deflagrada no momento em que iniciáramos as intervenções na escola. Para nós, um limite; para os professores, uma ferramenta de luta por melhores condições de trabalho.

Além disso, mesmo com adaptações para o meio escolar, as PCANs possuem seus riscos - é uma característica intrínseca, e levando isso em consideração e o número de alunos da turma, um professor de Educação Física – sozinho, ministrando a aula, pode encontrar diversas dificuldades.

De acordo com os *feedbacks* dos alunos e com as avaliações que realizamos, entendemos como adequada a proposta pedagógica que baseou a pesquisa, pois possibilitou “[...] ao aluno produzir pensamentos e conhecimentos fora do senso comum.” (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p.27); isto foi possível pela realização de práticas corporais de aventura no meio escolar, mas, especialmente, pela apropriação de um conteúdo da cultural corporal só conhecido, pela maioria, por meio das mídias. Ao fim das intervenções pode-se concluir que, em relação ao número de professores para ministrar as práticas, é possível que o professor solicite ajuda de outros professores realizando atividades interdisciplinares envolvendo o conteúdo.

Entre alguns questionamentos presentes em nosso estudo, está a indagação sobre a relevância social de inserir nas aulas um tipo de prática que está, via de regra, distante do cotidiano dos alunos. Neste sentido, novamente foi o Coletivo de Autores (1992) que nos instigou a insistir, uma vez que compreendemos estas práticas como um dos elementos que constitui a Cultural Corporal de Movimentos, sendo então, um direito dos alunos conhecê-las, vivenciá-las e delas se apropriar. Seguir os princípios indicados na metodologia crítico-superadora nos auxiliou a planejar e desenvolver aulas de um novo conteúdo, sem que isso significasse uma inserção autoritária e/ou descontextualizada.

Finalmente, asseveramos que há importantes possibilidades da inserção das práticas corporais de aventura na natureza no meio escolar, sem visar primordialmente as técnicas. Para isto, uma das estratégias é utilizar práticas diferenciadas daquelas mais conhecidas e ressaltadas, em especial pela grande mídia.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

ADVENTURE BODILY PRACTICES [IN NATURE] IN PHYSICAL EDUCATION:
AN EXPERIENCE IN MUNICIPAL SCHOOLS OF GOIÂNIA

ABSTRACT

The purpose of this study is to verify an appropriate methodology for the introduction of Adventure Bodily Practices in nature at schools and from that identify students' sensations and emotions while they experience these practices. The method used to achieve this was the theory of historical materialism-dialectic. It has descriptive character, which includes data collections, participating observations, reports and images. It is a qualitative research, analyzing the meanings portraying social reality, containing participatory observations of researchers, which help us to conclude that the methodology considered is appropriate for the insertion of Adventure Bodily Practices in nature at school

KEYWORDS: *Bodily Practices; Nature; School; Adventure;*

LAS PRÁCTICAS CORPORALES DE AVENTURA [EN LA NATURALEZA]
EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR:
UNA EXPERIENCIA EN ESCUELAS MUNICIPALES DE GOIÂNIA

RESUMEN

El propósito de este estudio ha sido probar una metodología adecuada para la introducción de prácticas corporales de aventura en la naturaleza en la educación física escolar ampliando el abanico de la cultural corporal de movimientos e identificar las sensaciones y emociones de los estudiantes cuando experimentan tales prácticas. La investigación tuvo carácter descriptivo, se apropiando de las recopilaciones de datos, observaciones participantes, informes e imágenes. Además siendo también una investigación cualitativa, se analizó los datos que representan la realidad social y se concluye que la metodología probada es conveniente para la inserción de las prácticas corporales de la aventura en la naturaleza en la escuela.

Palabras clave: Prácticas corporales; Naturaleza; Escuela; Aventura;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLANI FILHO, Lino. Educação física no Brasil: a história que não se conta. 3.^a ed. Campinas: Papyrus, 1993.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. 2^a Edição. São Paulo. Editora Cortez, 2009.

DARIDO, S.C. Educação Física na Escola: Questões e Reflexões. Rio de Janeiro-RJ. Editora Guanabara Koogan, 2003.

FRANCO, L. C. P.; CAVASINI, R.; DARIDO, S. C. Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento, Práticas Corporais de Aventura, Livro 4, 2014.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

FREIRE, P. Educação De Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física. São Paulo – SP. Editora Scipione, 1991.

GUIMARÃES, S.S.M. *et al.* Educação Física no Ensino Médio e as Discussões Sobre Meio Ambiente: Um Encontro Necessário. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 28, n. 3, 2007.

INÁCIO, H. L. D. et al. Bastidores das práticas de aventura na natureza. In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (Org.). Práticas corporais. Florianópolis: Nauemblu e Ciência e Arte, 2005. p. 69-87.

INÁCIO, H. L. D. Travessuras na natureza: perspectivas de formação e atuação profissional no centro oeste. In: CONGRESSO CENTRO-OESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3., 2008, Cuiabá. Anais... Cuiabá: CBCE-MT, 2008.

INÁCIO, H. L. D.; MARINHO, A. Educação física, meio ambiente e aventura: diálogos possíveis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15., Recife, 2007; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2., Recife, 2007. Anais ... Recife: CBCE, 2007. Cd-Rom.

INÁCIO, H. L. D.; MORAES, T. M.; SILVEIRA, A. B. Educação Física e Educação Ambiental Refletindo Sobre Formação Docente. Campinas –SP, 2013.

MARINHO, A.; SHCWARTZ, G. M. Atividade de Aventura Como Conteúdo da Educação Física. Revista Digital - Buenos Aires, 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>

MINAYO, M.C.S. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2009. N° 88 - Setembro de 2005

SOARES, C. L. Educação Física Raízes Europeias e Brasil. Campinas – SP. Autores Associados, 1994.

TAHARA, A. K.; CARNICELLI FILHO, S. A Presença de Atividades de Aventura na Educação Física Escolar. Arquivos de Ciências do Esporte, 2012. Disponível em: <<http://www.ufm.edu.br/>> . Acesso em: agosto/2014.